

MuseCom apresenta:

FIGURAS FEMININAS NA INDEPENDÊNCIA

PATROCÍNIO



OFERECIMENTO



Especial Bicentenário da
Independência do Brasil - Edição 01
FIGURAS FEMININAS
NA INDEPENDÊNCIA

Estado do Rio Grande do Sul
Governador Eduardo Figueiredo Cavalheiro Leite

Secretaria de Estado da Cultura
Secretária Beatriz Helena Miranda Araújo

Departamento de Memória e Patrimônio
Assessor Especial Eduardo Hahn

Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa
Diretor Welington Ricardo Machado da Silva

Núcleo Educativo
Renata Kaupe Veleda
Thalya Fragozo

Associação de Amigos do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa
Presidente Paulo Roberto Corrêa

INDEPENDÊNCIA DE QUEM?

Em 2022, completam-se 200 anos que o Brasil se tornou independente de Portugal. É um momento para pensarmos sobre o começo do Estado brasileiro. Para quem serviu a Independência do Brasil? E quem foram as pessoas envolvidas nisso?

Você conhece algum acontecimento ou figura importante deste período?

Um dos momentos mais conhecidos da Independência é o Grito do Ipiranga, quando D. Pedro I gritou: "Independência ou morte!" Este episódio é considerado um marco oficial da Independência brasileira.



A Independência do Brasil na tela: Imaginando o grito do Ipiranga

Uma análise do processo de criação da pintura Independência ou Morte!, de Pedro Américo de Figueiredo e Melo

 Google Arts & Culture

acesse:



Este episódio está tão gravado na memória popular que até é usado como meme. Assim como o Grito do Ipiranga anunciou um fato importante, sua referência na internet está relacionada com momentos que viralizaram.



thheus
@thelordtheus

E no dia 7 de setembro de 1822, as margens do Rio Ipiranga, Dom Pedro gritou

3:15 AM · Sep 7, 2016

2.2K Reply Copy link

[Read 27 replies](#)

acesse:



Mas, porque as imagens e os relatos da Independência estão focados principalmente nos homens brancos de poder? Porque acabamos esquecendo das mulheres, pobres e negros nesta história?

Muito desse apagamento está relacionado aos registros.

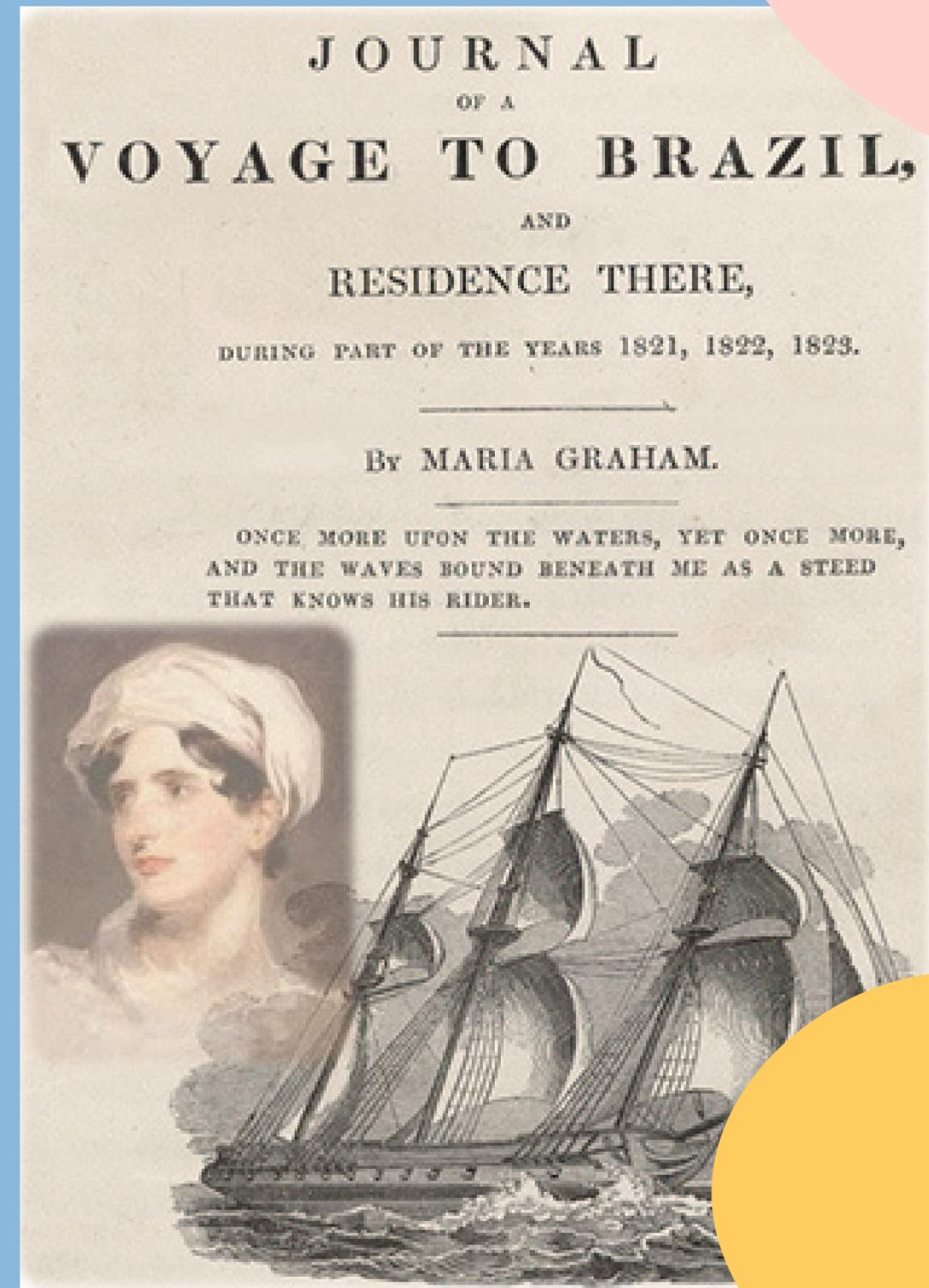
Só podemos conhecer o passado por meio de documentos, pinturas e outras poucas fontes. A maioria dessas fontes foram produzidas por homens brancos ligados ao poder que perpetuaram os preconceitos.



Um dos poucos relatos da época da Independência escrito por uma mulher foi a publicação do "Diário de uma viagem ao Brasil", da britânica Maria Graham. Ela viajou pelo Brasil entre 1821 e 1823. Em seu Diário, encontramos um relato da falta de espaço para as mulheres na política:

"Acho muito aborrecido que as senhoras não possam assistir às reuniões da Assembléia. Sei que não há qualquer proibição formal, mas a coisa é considerada tão inadmissível que não posso ir."

A Assembléia se refere a primeira Assembléia Constituinte do Brasil, que elaborou nossa primeira Constituição.



PARA PENSAR

Maria Graham relata que não havia uma proibição escrita da participação das mulheres na Assembléia Constituinte, mas que na prática isso não era aceito. Você já parou pra pensar em quantas vezes uma sociedade limita ou proíbe certas atitudes de forma silenciosa? Você já deixou de fazer alguma coisa porque achou que não seria aceita(o)?

No período da Independência, a sociedade brasileira pensava que a mulher deveria apenas cuidar da casa, do marido e dos filhos, mas conheceremos mulheres que romperam com esse ideal e atuaram na Independência de diferentes maneiras.



PARA ENTENDER AS HISTÓRIAS

Antes de falar das vidas e lutas de algumas mulheres do período da Independência, precisamos conhecer o contexto em que atuaram.

O Brasil estava se desenvolvendo e ganhando liberdade de comércio com a presença do monarca português em nossas terras. Vamos lembrar que em 1808, D. João VI e sua corte tiveram que fugir de Portugal. Havia muitas críticas de que essa mudança da corte prejudicava Portugal

Em 1820, eclodiu uma revolta em Portugal contra esta situação, que ficou conhecida como Revolução do Porto. Os integrantes deste movimento se uniram para formar a "Junta Provisional do Supremo Governo do Reino" e para organizar Cortes Constituintes.

Com a Revolução, D. João VI voltou para Portugal, deixando seu filho, Pedro de Alcântara, na condição de príncipe regente. As Cortes expediram ordens ao então príncipe regente D. Pedro I, sendo uma delas a exigência de seu retorno imediato para Portugal, nomeando uma junta governativa para o Brasil. Com a pressão de liberais radicais ligados ao governo, no dia 09 de Janeiro de 1822, o príncipe Dom Pedro I declarou que ficaria no Brasil, descumprindo as ordens de Portugal, esse dia ficou conhecido como o "Dia do Fico", dizendo "Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto! Digam ao povo que fico!". Essa decisão gerou tensão, principalmente na Bahia, sede das tropas portuguesas.

Neste Estado, em 1822, organizaram-se tropas brasileiras e portuguesas que começaram a entrar em atrito. Entre 1821 e 1824, a série de conflitos entre portugueses e brasileiros na Bahia, Cisplatina, Piaí, Maranhão e Grão-Pará ficou conhecida como Guerra da Independência do Brasil.

MARIA LEOPOLDINA

Carolina Josefa Leopoldina de Habsburgo-Lorena, mais conhecida como Maria Leopoldina da Áustria ou Dona Leopoldina, foi uma das grandes figuras por trás da Independência do Brasil. Leopoldina nasceu em Viena, no palácio de Schönbrunn, em 22 de Janeiro de 1797. Era filha de Francisco I, último sacro imperador romano germânico e primeiro imperador da Áustria, e de sua segunda mulher, Maria Teresa das Duas Sicílias. De seu casamento com Dom Pedro, nasceram sete filhos, sendo um deles Dom Pedro II, futuro Imperador do Brasil.

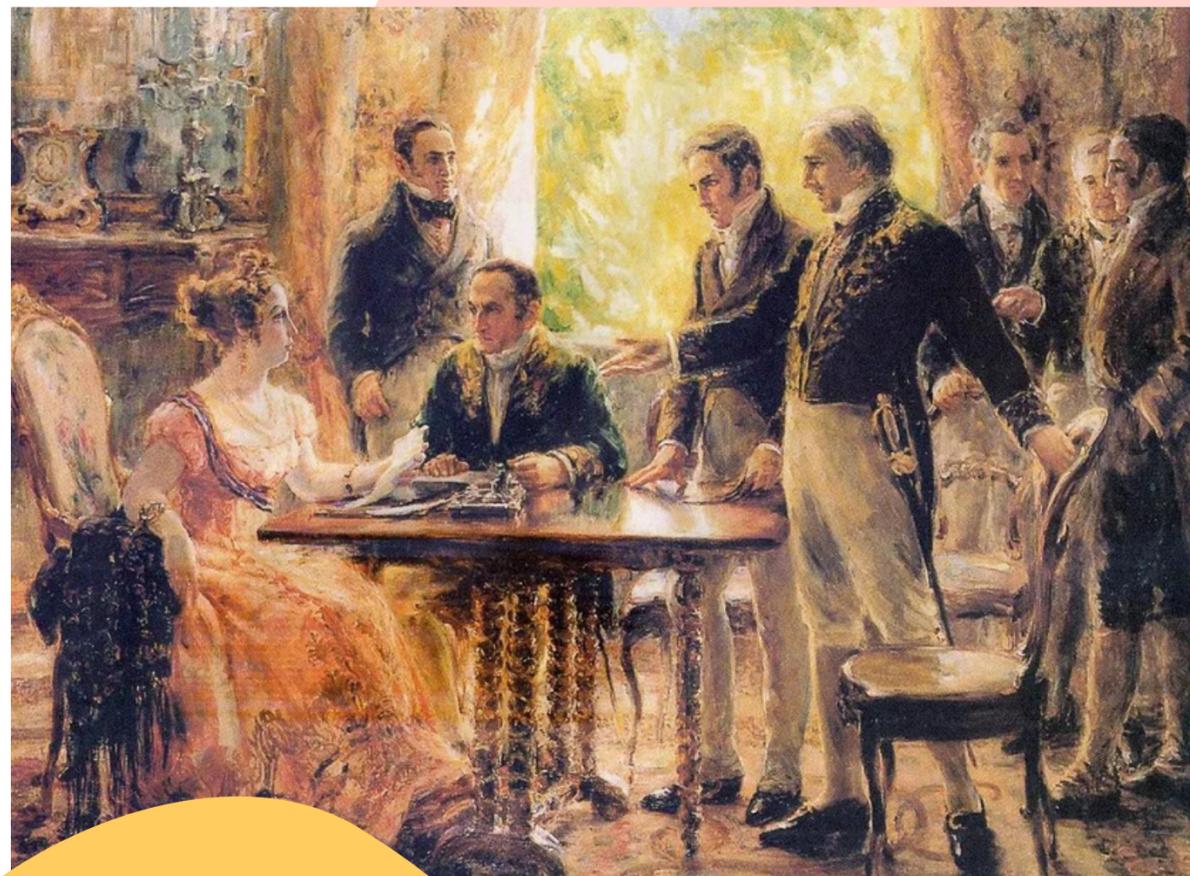


Embora seja pouco ressaltado nos livros de história, a Independência do nosso país foi conquista de uma mulher. O príncipe era resistente às ideias de emancipação, Leopoldina teve uma forte influência para mudar a opinião conservadora de Dom Pedro. Em uma carta a sua irmã Maria Luísa da Áustria (esposa de Napoleão Bonaparte), ela dizia sobre D. Pedro ter um “tratamento contraditório, duro e injusto com todas as novas mudanças” e que “tudo que lhe insinua liberdade lhe é odioso”.

MARIA LEOPOLDINA

Em setembro de 1822, Dom Pedro realiza uma viagem a São Paulo, deixando Leopoldina como princesa regente do Brasil.

Com as insistências de Portugal para recolonizar o Brasil, Leopoldina presidiu o Conselho de Estado, que com a ajuda do conselheiro do príncipe, José Bonifácio de Andrada e Silva, assinou e enviou uma carta que informava Dom Pedro sobre a extrema necessidade de ser declarada a Independência.



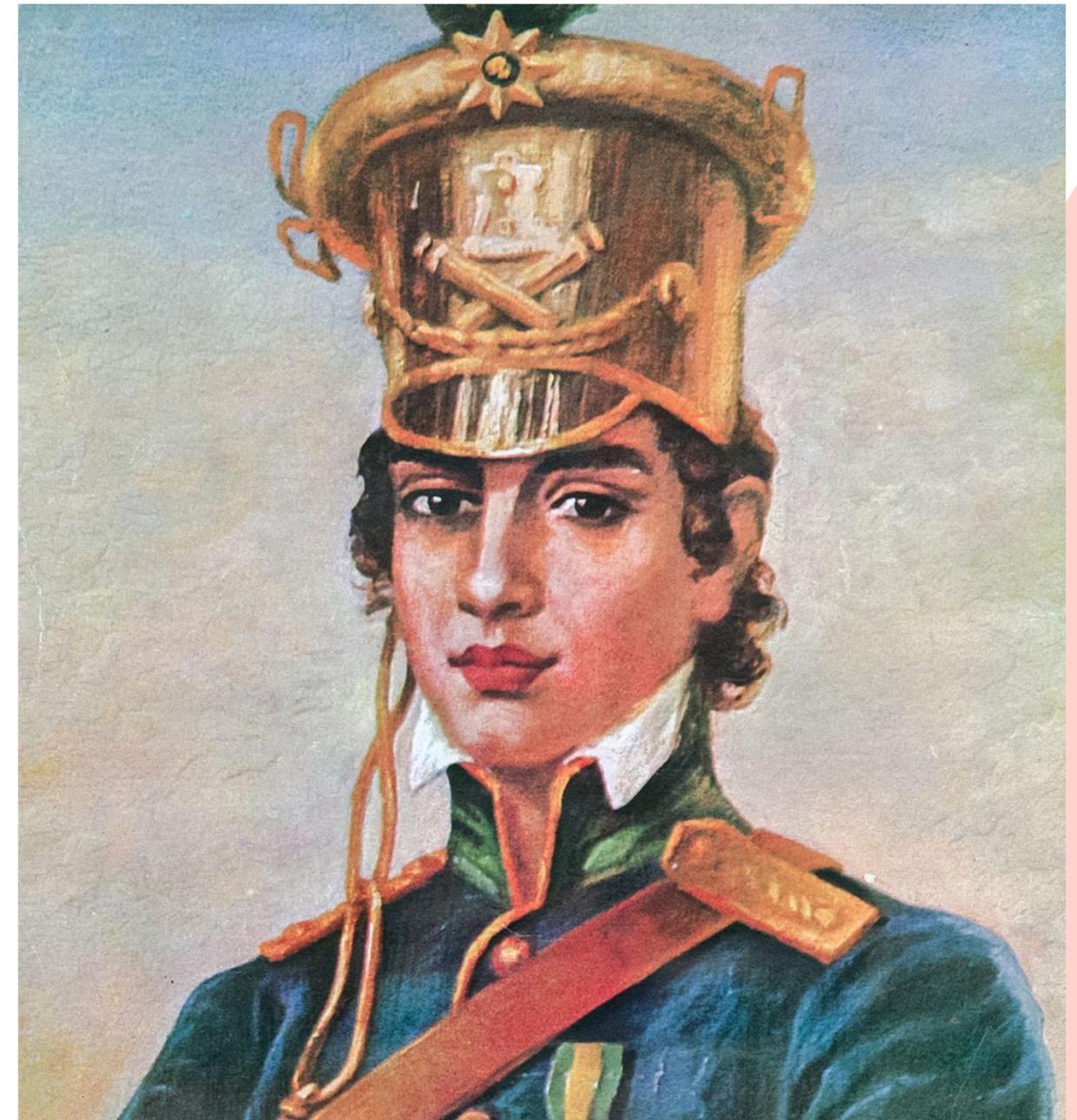
Com isso, podemos perceber que toda a ideia de emancipação e a tão famosa independência foi toda articulada pelos pensamentos de Maria Leopoldina, que sempre se posicionou frente a Dom Pedro com suas ideias emancipatórias e de que o Brasil deveria se tornar uma monarquia. Porém, muitas fontes relatam que Leopoldina era humilhada pelo imperador. Em sua viagem a São Paulo, conheceu Domitila de Castro, que foi publicamente sua amante por anos.

Em outubro de 1826, Leopoldina fica grávida, mas acaba tendo um aborto espontâneo que decorreu em diversas complicações na saúde da imperatriz. Em 11 de dezembro de 1827, ocorre seu falecimento, com apenas 29 anos.

MARIA QUITÉRIA

Maria Quitéria de Jesus Medeiros, é considerada uma heroína da Independência. Ela nasceu em 1792, na Bahia. Maria Graham, que a conheceu pessoalmente, a descreve em seu Diário como uma mulher de traços de indígenas, iletrada, mas muito inteligente e com uma personalidade notável.

Conforme a intensificação dos atritos entre as tropas brasileiras e portuguesas, a Junta do Governo da Bahia começou a enviar emissários para o Recôncavo Baiano para convocar homens para a guerra. Um desses emissários chegou às terras de Gonçalo, o pai de Maria, explicando que Portugal queria recolonizar o Brasil e pedindo apoio. Este recebeu o pedido com indiferença, pois não tinha filhos homens. Foi então que Maria Quitéria sugeriu que ela se alistasse para lutar. De acordo com seus biógrafos, seu pai não aceitou a sugestão e teria dito que mulheres tecem e bordam e que a guerra era para os homens. Mesmo sem a aprovação do pai, ela cortou os cabelos e utilizou as roupas e o nome de seu cunhado para se alistar.



MARIA QUITÉRIA

Ingressou no exército fingindo ser um homem. Era conhecida como "Soldado Medeiros". Mas seu pai ficou preocupado com seu desaparecimento e procurou em

Cachoeira, onde as tropas estavam concentradas. Ele acabou reconhecendo Maria e a denunciou para o comandante, Major José Antônio Silva Castro.

No entanto, o Major permitiu que Maria Quitéria continuasse no batalhão por sua habilidade com as armas e sua maioridade. A partir de então, ela passou a utilizar uma saia similar a escocesa e os homens do batalhão descobriram que lutavam ao lado de uma mulher. Ela permaneceu na tropa de setembro ou outubro de 1822 a julho de 1823.



Participou, com seu batalhão, da defesa da Ilha da Maré e das batalhas na foz do Rio Paraguaçu. Em abril de 1823, teria ocorrido o episódio em que Maria comandou um grupo de mulheres civis para resistir a um ataque português a foz do Rio Paraguaçu, principal entrada do Recôncavo Baiano.

Após o fim da guerra, foi recebida pelo imperador e recebeu a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. Faleceu em agosto de 1853. Muitos anos depois, sua figura virou um mito, relacionada ao nacionalismo e patriotismo.

JOANA ANGÉLICA

Joana Angélica (1762- 1822) foi uma religiosa. Era filha de uma abastada família de Salvador. Por isso , foi uma das raras mulheres da época a ter acesso à educação. Em 1782, ingressou no Convento de Nossa Senhora Conceição da Lapa, na Bahia.

Em meados de fevereiro de 1822, começavam os atritos com as tropas portuguesas na Bahia. No dia 20 deste mês, tropas portuguesas tentaram invadir o Convento de Nossa Senhora Conceição da Lapa acreditando que o lugar abrigava tropas brasileiras.

Joana Angélica tentou impedir a invasão e foi morta por golpes de baioneta. Diz-se que ela abriu os braços e gritou: " Para trás bandidos! Respeite a Casa de Deus - antes de conseguirdes os vossos infames desígnios , passsareis pelo meu cadáver", mas não foi possível comprovar se essa fala de fato ocorreu nos documentos históricos. Joana Angélica é considerada uma mártir e heroína da Independência brasileira.

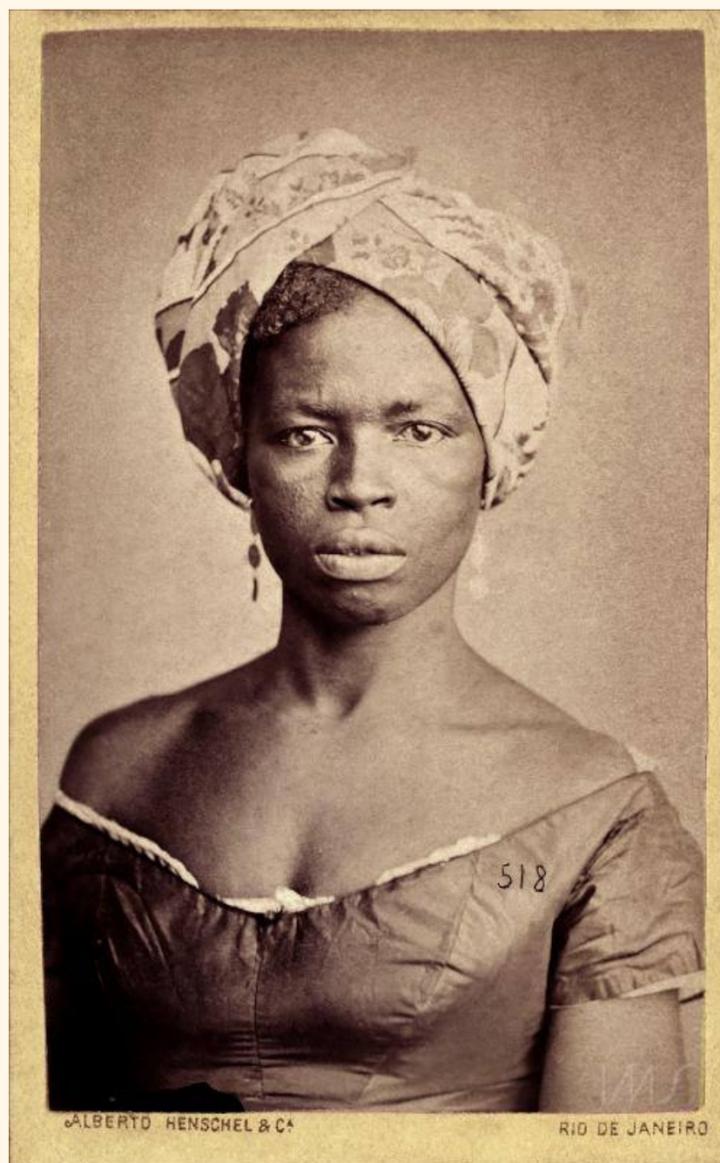
Baioneta (do francês baïonnette) é uma arma em forma de faca, punhal, espada ou pontiaguda projetada para caber na ponta da boca do cano de um fuzil, mosquete ou arma de fogo semelhante, permitindo que seja usada como uma lança



MARIA FELIPA DE OLIVEIRA

Maria Felipa de Oliveira (data desconhecida - 1873), negra, ex escrava liberta, morava na Ilha de Itaparica. Tornou-se uma grande liderança na Bahia na Guerra da Independência contra os portugueses. Liderou mais de 200 pessoas na luta contra as tropas portuguesas, em sua maioria mulheres. Primeiro atuou como espiã, depois partiu para a ação.

Segundo histórias contadas, elas chegaram a seduzir os portugueses e, ao tirarem suas roupas, ficando nus, foram surrados por elas com "cansanção", uma planta que ardia e queimava a pele. Depois disso, queimaram suas embarcações. Chegaram a queimar mais de 40 embarcações portuguesas.



Sendo algumas delas a Canhoneira Dez de Fevereiro, em 10 de outubro de 1822, na praia de Manguinhos; a Barca Constituição, em 12 de outubro de 1822, na Praia do Convento; em 7 de janeiro de 1823, liderou aproximadamente 40 mulheres na defesa das praia. Após a independência, Maria Felipa ainda manteve suas posições e as reivindicações da população. Na primeira cerimônia de hasteamento da bandeira nacional na Fortaleza de São Lourenço em Ponta das Baleias, Felipa e seu grupo do qual são conhecidas Joana Soaleira, Brígida do Vale e Marcolina, invadem a Armação de Pesca de Araújo Mendes, português abastado, e surram o vigia Guimarães das Uvas, evidenciando que as lutas da população itaparicana não haviam terminado e demonstrando a hostilidade que havia entre a população brasileira, principalmente negra e mulata.

HEROÍNAS

As histórias das mulheres que vimos aqui ficaram esquecidas por muito tempo. E, quando resgatadas, foram enquadradas no estereótipo de heroína. Isso nos faz esquecer que foram mulheres com suas qualidades e defeitos, com seus anseios e medos que defenderam a criação de um novo país. O que será que esperavam desse Brasil?

Com as comemorações do Centenário da Independência, em 1922, começou um resgate da história de algumas dessas mulheres. No entanto, esse resgate foi seletivo. Nas comemorações do centenário da Guerra de Independência da Bahia, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia escrevia sobre Joana Angélica e Maria Quitéria. Por que selecionaram apenas essas duas figuras e nem mesmo citaram Maria Felipa? É preciso pensar nos interesses deste resgate histórico. 100 anos depois de uma Independência que manteve privilégios para as elites, desigualdades sociais e autoritarismo, se fazia necessário construir um ideal nacional, patriótico baseado no exemplo. Joana Angélica e Maria Quitéria poderiam ser "encaixadas" na imagem de um patriotismo dentro da ordem, já Maria Felipa não se encaixava neste ideal.

Neste Bicentenário, perguntamos: Que 7 de setembro você pretende comemorar?

Esta é uma data marcada pela visão das elites, dos homens brancos, mas teve a participação de negros, negras, indígenas e mulheres com visões e esperanças diferentes sobre o futuro do Brasil.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Assim como nós conhecemos um pouco da história dessas mulheres pelo diário da Maria Graham, gostaríamos de te convidar a escrever suas próprias conclusões sobre isso e se suas percepções sobre a Independência mudaram após ler esse caderno.

Propomos, então uma atividade para refletirmos sobre isso.

Faça uma carta para alguma das figuras que apresentamos ou sobre como isso te despertou a pensar sobre como as mulheres foram apagadas da Independência e como esse apagamento de mulheres ainda se dá hoje em dia.

